



IX Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica
IX EnICT
ISSN: 2526-6772
IFSP – Campus Araraquara
6 de dezembro de 2025



MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E HISTÓRIA EM NAS PELES DA CEBOLA, DE GÜNTER GRASS

ANA BEATRIZ ANTONELLI DA SILVA, CARINA ZANELATO SILVA

¹ Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio (em curso), IFSP-ARQ, ana.antonelli@aluno.ifsp.edu.br

² Docente, Doutorado, IFSP-ARQ, carina.zanelato@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): Literaturas Estrangeiras Modernas – 80208002

RESUMO: O projeto de pesquisa analisa a obra *Nas peles da cebola* (*Beim Häuten der Zwiebel*), de Günter Grass, por meio das teorias sobre memória, esquecimento e história desenvolvidas por Maurice Halbwachs (*Memória coletiva*) e Paul Ricoeur (*A memória, a história e o esquecimento*). Propõe-se, neste estudo, evidenciar como a metáfora da memória enquanto composta por camadas como as peles de uma cebola estabelece a forma da narrativa de Grass, que se estrutura a partir do aprofundamento do narrador às camadas de sua memória.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Coletiva; História; Esquecimento; Segunda Guerra Mundial; Günter Grass.

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa “Memória, esquecimento e história em *Nas peles da cebola*, de Günter Grass” busca analisar a obra *Nas peles da cebola* (*Beim Häuten der Zwiebel*), de Günter Grass, e entender os conceitos de memória individual e memória coletiva, explicitados por Maurice Halbwachs em seu livro *Memória coletiva*, e as teorias sobre o esquecimento e história realizadas por Paul Ricoeur em *A memória, a história e o esquecimento*. Dessa forma, propomos neste estudo evidenciar a metáfora utilizada pelo autor sobre a memória: o narrar se torna para ele o despelar camada por camada, como se fossem uma cebola, as memórias de um jovem alemão que participou da Waffen-SS, a elite militar do partido nacional-socialista de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial.

Durante o período de 3 meses de iniciação do estudo, foi possível a compreensão de diferentes termos relacionados à memória teorizados por Halbwachs, como a memória individual e a memória coletiva. A primeira foi descrita pelo autor como a percepção pesamensoal sobre determinado acontecimento: a memória individual é controlada pelo nosso subconsciente, e, dessa forma, podemos interpretá-las como as ondas, que estão em constante vai e vem, nos relembrando ou sendo esquecidas. Já a memória coletiva é definida como uma chave: “Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros” (HALBWACHS, 1990, p. 54), sendo importante a distinção dessas duas memórias para a compreensão do social, coletivo, individual e histórico. Além disso, Halbwachs pontua que há uma diferença entre o tempo real e o tempo abstrato, tornando-se viável a reinterpretação do livro de Günter Grass a partir da busca de detalhes que abordam a confusão do autor na organização de suas lembranças de forma cronológica, simétrica e homogênea. Também é possível abranger a utilização da literatura de testemunho como fonte de informação histórica, o que ressignifica o texto de Grass. Em diversos aspectos torna-se possível relacionar a autobiografia com conflitos internos atuais do autor, destacando-se o fato de Grass não saber lidar com as consequências e a culpa de seus atos, preferindo, muitas vezes, o esquecimento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Memória e esquecimento são parceiros de longa data: sem o esquecimento, seríamos Funes borgianos bombardeados por toda a memória acumulada durante a nossa vida; sem a memória, não seríamos, não teríamos identidade. Aliados na constituição do sujeito, memória e esquecimento são também fatores importantes para a organização e o estabelecimento da história, que perpetuará acontecimentos de que foram participantes grandes grupos humanos. Maurice Halbwachs, em seu livro *Memória coletiva*, nos diz que a nossa memória pessoal (autobiográfica) está apoiada em nossa memória social (histórica), e, por mais ampla que seja essa memória histórica, “ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso” (1990, p. 55).

Essa proposição de Halbwachs nos dá o mote para a discussão acerca do papel da memória enquanto “fragmento na obra fragmentária da história” no livro *Nas peles da cebola* (*Beim Häuten der Zwiebel*), de Günter Grass. Publicada em 2006, a obra impactou a opinião pública alemã com a revelação de que o seu autor havia participado da Waffen-SS. A revelação tardia trouxe à tona a contestação da figura pública de Grass, que sempre participou ativa e criticamente das discussões políticas na Alemanha, gerando inúmeras análises negativas quanto ao aspecto moral de sua obra como um todo – associado, consequentemente, ao posicionamento político do autor.

A narrativa se passa entre o início da Segunda Guerra Mundial e a publicação do primeiro romance de Grass, *O tambor* (*Die Blechtrommel*, 1959), e nos conta como um jovem de Danzig se envolveu com as fantasias do progresso nazista e aderiu ao serviço militar, caindo como prisioneiro de guerra em um dos campos de concentração após a derrota alemã, motivo pelo qual começou a compreender os horrores do nazismo. Após ser libertado, Grass descreve em sua narrativa os percalços por que passou para conseguir se tornar escultor e como toda essa vivência durante a guerra o despertou para a literatura. Essas memórias resgatam a origem do material utilizado por Grass para a composição de suas obras, principalmente na elaboração da Trilogia de Danzig, composta pelas obras *O tambor* (*Die Blechtrommel*, 1959), *Gato e rato* (*Katz und Maus*, 1961) e *Anos de cão* (*Hundejahre*, 1963), estabelecendo um paralelo entre os fatos ocorridos em sua vida e os personagens criados por ele.

Halbwachs nos diz que os acontecimentos que presenciamos em nossa vida só tomam sentido enquanto fatos pertencentes à história depois de decorrido certo tempo: “É então mais tarde que podemos relacionar aos acontecimentos nacionais as diversas fases de nossa vida” (1990, p. 57). O tempo, neste ínterim, é cúmplice na avaliação e união de dois aspectos que constituem a nossa memória: a memória presente nos grupos sociais em que atuamos (memória coletiva); e a memória da qual apenas o indivíduo guarda resquícios (memória individual). Essa dupla classificação da memória por Halbwachs nos leva a qualificar as memórias presentes no texto de Günter Grass também nestes dois aspectos: há nestas memórias a memória individual, que revelará um segredo que não é de conhecimento do público (a participação de Grass na Waffen-SS); e uma memória coletiva, representativa dos diversos grupos sociais dos quais Grass fez parte (o grupo de militares, o grupo de jovens defensores do nazismo, o grupo dos alemães pós-guerra perseguidos pela culpa etc.).

Segundo Helmut Galle (2008, p. 2), a Alemanha presenciou, nos últimos anos, uma grande produção de autobiografias de participantes da Segunda Guerra Mundial, e esses livros apresentam uma característica singular, já que essa geração procura se explicar através da literatura. Da mesma forma, segundo Galle, o livro de Günter Grass não foge a essa particularidade: assumindo a posição de culpado, Grass confessa através de suas memórias ter participado da Waffen-SS, o que desperta o interesse do público para esta figura polêmica, que sempre lutou para o não esquecimento das atrocidades cometidas pelos nazistas. O apoio incondicional de Grass ao regime nazista, assim como o de grande parte da população alemã, é trazido à reflexão quando o autor se coloca como inconsciente de que fazia parte do que foi feito em Auschwitz ou nos diversos campos de concentração (GRASS, 2007, p. 31). Galle (2008, p. 3) afirma que o texto de Grass desenvolve seu significado quando o leitor enxerga na figura do narrador o próprio autor; dessa forma, o pacto autobiográfico de Lejeune (2008) é estabelecido e podemos tomar como mesma pessoa autor, narrador e protagonista. Sem esse pacto, a revelação do narrador de sua participação da Waffen-SS faria pouco sentido, uma vez que a figura real de Grass é que dimensiona o impacto dessa revelação. Estabelecido o pacto autobiográfico, a ligação das

memórias ali narradas com a memória histórica se torna mais forte, na medida em que esse autor-narrador pode ser encarado como testemunha de um fato de grande relevância.

Diante disso, as memórias de Günter Grass, pelo seu teor testemunhal, emergem em seu contexto de produção como um relato pessoal, sendo assim detentoras de uma memória individual, porém são também representativas de toda uma geração marcada pelo estigma da vergonha e da culpa e pela necessidade de retratação. Este testemunho segue o viés do perpetrador, cujo crime está indiretamente ligado às atrocidades cometidas durante o nazismo, uma vez que, assim como Grass, a grande massa não cometeu o crime com suas próprias mãos, mas permitiu e assentiu este crime a partir do apoio incondicional ao regime nazista. Estas memórias são, portanto, o reconhecimento da falta e a confissão em busca de um perdão que é reconhecido pelo narrador como difícil de ser conquistado, uma vez que a culpa perdurará até a sua morte (GRASS, 2007, p. 101-102):

uma ignorância afirmada e reafirmada não foi capaz de ocultar a minha compreensão de estar inserido em um sistema que planejara, organizara e concretizara a aniquilação de milhões de pessoas. Mesmo que uma culpa ativa não me pudesse ser creditada, até hoje sobrou um resto não desgastado de algo, que é chamado de um modo demasiado corrente de co-responsabilidade. Viver com isso é certo que eu terei, nos anos que ainda me restam.

Assim, propomos, neste projeto, que a disposição fragmentária da memória se coaduna à estruturação da narrativa, que se dá a partir do estabelecimento de duas metáforas que vão nortear a própria forma do texto: a metáfora das peles da cebola, que se clarifica na ordenação das memórias do narrador em camadas, representando as fases de sua vida e revelando as lágrimas na medida em que essas camadas são cortadas e as memórias são trazidas à tona; e a metáfora do âmbar, que representa as memórias de traumas escondidos no amarelo opaco da consciência do eu, que não consegue com facilidade racionalizar o acontecimento e os seus desdobramentos.

Através da literatura, Grass vem a público declarar o seu remorso de ter participado da Waffen Schutzstaffel, e como isso o levou ao projeto de manter viva a memória do povo alemão sobre o nazismo através de suas obras. O autor se apropria da memória para a construção de uma obra que tem por intenção impactar o leitor para a reflexão sobre o passado e as suas consequências no presente. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Nas peles da cebola* a partir das teorias sobre memória, esquecimento e história desenvolvidas por Maurice Halbwachs (Memória coletiva) e Paul Ricoeur (A memória, a história e o esquecimento), articulando essas teorias ao conteúdo e à forma em camadas da narrativa.

METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolve a partir de uma abordagem qualitativa, que analisa a obra *Nas peles da cebola*, de Günter Grass. Na primeira etapa, foi realizado o estudo sobre o conceito de memória e história desenvolvidos por Maurice Halbwachs, com o objetivo de entender as correlações entre memória coletiva e memória individual. Na segunda etapa, será realizada a leitura da obra *Memória, história e esquecimento*, de Paul Ricoeur, e a análise da obra *Nas peles da cebola*, de Günter Grass, buscando a compreensão de como o conteúdo memorialístico da narrativa resulta na construção de um texto fragmentário, que vai aos poucos evidenciando as camadas de que é composta a memória do narrador.

Para o desenvolvimento da pesquisa são necessários os materiais de consulta bibliográfica, que foram disponibilizados ao estudante bolsista pela professora coordenadora do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante esses três meses de pesquisa, foram concluídas as seguintes etapas: leitura do romance *Nas peles da cebola*, de Günter Grass; leitura dos principais pontos da teoria de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva e memória individual (que constam no livro *Memória coletiva*); leitura do conto “Funes, o

memorioso”, de Jorge Luis Borges; e leitura do texto “Narrar o trauma: a questão do testemunho de catástrofes históricas”, de Márcio Seligmann-Silva.

A partir da primeira leitura do livro *Nas peles da cebola*, de Günter Grass, foram realizadas anotações e análises iniciais, em que se pode perceber que o autor, a partir da memória coletiva, reconstrói sua memória individual, trazendo à tona lembranças que foram levadas ao esquecimento devido ao trauma e ao sentimento culpa. Durante a leitura do livro *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs, foi possível entender o processo de reconstrução memorialística de Günter Grass, e como os fragmentos de memórias confusas afetaram a sua percepção sobre si mesmo e o momento vivido durante a Segunda Guerra Mundial.

Dessa forma, foi possível estabelecer diálogos sobre a forma de pensamento de Günter Grass, destacando principalmente a confusão inicial em sua mente devido ao esquecimento de suas lembranças, e como no decorrer do livro ele organiza as suas memórias, trazendo ao leitor um esclarecimento sobre os acontecimentos.

Na próxima etapa do projeto, iniciaremos a leitura das teorias de Paul Ricoeur sobre história e esquecimento, presentes no livro *Memória, história e esquecimento*; e será realizada a análise do romance *Nas peles da cebola*, de Günter Grass, a partir das teorias estudadas. Na etapa final, será elaborada a escrita final do relatório.

CONCLUSÕES

A partir das análises desenvolvidas durante as etapas iniciais do projeto de pesquisa, foi possível constatar que as teorias sobre memória coletiva e memória individual são aplicáveis à narrativa e à construção do processo memorialístico na obra de Günter Grass. Conforme destaca Halbwachs, o ser humano constitui-se como uma combinação de memórias compartilhadas, o que evidencia a interdependência entre a experiência individual e a coletiva.

Com base na leitura inicial do livro *Memória coletiva*, foi possível aprofundar a compreensão sobre os mecanismos de funcionamento da memória humana e da constituição do sujeito, utilizando as teorias da memória e do esquecimento como suporte para interpretar os aspectos narrativos e o processo de autopreservação desenvolvido por Günter Grass em sua obra. Essa relação teórica possibilitou compreender que a memória coletiva sobre o Holocausto e sobre o contexto da Segunda Guerra Mundial exerce influência direta na percepção e na reorganização da memória individual do autor. Dessa forma, Grass desenvolve um relato que busca uma linearidade narrativa ao relembrar aspectos de sua infância, de sua identidade e de sua participação na sociedade alemã, revelando traumas e reflexões sobre o passado. A obra, embora apresente características de literatura de testemunho e autobiográfica, ultrapassa o campo pessoal ao contribuir para a compreensão dos processos históricos e sociais do século XX. Assim, *Nas peles da cebola* é uma narrativa que nos permite o estudo da formação da memória e da identidade, ao demonstrar como o indivíduo reelabora suas experiências por meio da escrita e da recordação.

REFERÊNCIAS

- GALLE, H. E. P. Experiência, conhecimento, responsabilidade. Sobre o papel do autor na recepção de obras ficcionais e autobiográfica. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. 2008. São Paulo. Anais... São Paulo, 2008.
- GRASS, G. *Nas peles da cebola*. Tradução, posfácio e glossário de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GINZBURG, J. Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema da teoria da autobiografia. In: GALLE, H. et al (org.). **Em primeira pessoa**: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP, 2009, p. 123-131.1990.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução e organização de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SELIGMANN-SILVA, M. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

_____. **Escrituras da história e da memória**. In: ____ (org.). Palavra e imagem: memória e escritura. Chapecó: Argos, 2006, p. 205-226.

_____. **Narrar o trauma**: a questão do testemunho de catástrofes históricas. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, vol.20, n.1, p.65-82, 2008.